



CURSO DE PSICOLOGIA

KELLY ISMEI KIEDIS MACHADO

**BENEFÍCIOS DA CIÊNCIA ABA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS
COM TEA**

**Cuiabá/MT
2024**

CURSO DE PSICOLOGIA

KELLY ISMEI KIEDIS MACHADO

**BENEFÍCIOS DA CIÊNCIA ABA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS
COM TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Cuiabá – FASIPE como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Leonço Álvaro Costa Filho

**Cuiabá/MT
2024**

KELLY ISMEI KIEDIS MACHADO

**BENEFÍCIOS DA CIÊNCIA ABA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS
COM TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia – Centro Educacional Fasipe – FASIPE Cuiabá, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: __/__/__

LEONÇO ÁLVARO COSTA FILHO

Professor Orientador

Departamento de Psicologia-FASIPE

...

Professor (a) Avaliador (a)

Departamento de Psicologia - FASIPE

...

Professor (a) Avaliador (a)

Departamento de Psicologia - FASIPE

**Cuiabá-MT
2024**

MACHADO, KELLY ISMEI KIEDIS MACHADO. Benefícios da ciência ABA no tratamento de crianças com TEA.2024. 33 folhas. Projeto de Monografia — Faculdade FASIPE CUIABÁ.

RESUMO

RESUMO: Este Trabalho de Conclusão de Curso apresentará como tema “Benefícios da ciência ABA no tratamento de crianças com TEA”, apresentando sobre como é necessário o profissional psicólogo e os demais terapeutas, no diagnóstico e no tratamento dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além disso, apresentará a eficácia da ciência ABA e seus benefícios através do desenvolvimento de habilidades nos sujeitos. Ademais, os objetivos deste estudo são expor a importância da psicologia no desenvolvimento com TEA, apresentar os principais conceitos acerca do tema e mostrar como este profissional tem auxiliado neste transtorno. A metodologia utilizada para esta pesquisa é a pesquisa qualitativa com o intuito de compreender melhor os conceitos e sobre o tema, através de trabalhos já realizados anteriormente, e foi realizado também uma pesquisa bibliográfica para maior aperfeiçoamento da temática.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Análise do Comportamento Aplicada (ABA); Psicologia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	7
2.1 Como é definido o Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	7
2.2 O que é a Análise do Comportamento Aplicada (ABA).....	11
2.3 A importância do diagnóstico e tratamento precoce em crianças com TEA.....	13
2.4 A eficácia da terapia ABA no tratamento de pessoas com TEA.....	16
2.5 Controvérsias e críticas significativas em relação a aplicação da terapia ABA e seu impacto.....	20
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	24
4. RESULTADO E DISCUSSÕES.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Análise do Comportamento Aplicada
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
TEA	Transtorno do Espectro Autista

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como temática “Benefícios da ciência ABA no tratamento de crianças com TEA”, apresentando como profissionais especializados fazem a diferença no tratamento e na vida dos indivíduos com o espectro, e de seus familiares. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza por ser um distúrbio que afeta as competências sociais e de comunicação, como também de comportamentos (APA, 2013). Ademais, assim como apresentar esses sintomas, o fenótipo dos indivíduos com TEA variam, desde pessoas com deficiência intelectual, até os que possuem um quociente de inteligência normal (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017).

Diante do diagnóstico, o mais indicado é pais e familiares buscarem ajuda e tratamento precoce, o que contribuirá com o seu quadro clínico e no tratamento adequado, desenvolvendo as habilidades em déficit e reduzindo aqueles comportamentos em excesso.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar como a Psicologia contribui no desenvolvimento do indivíduo com Transtorno do Espectro Autismo, e os objetivos específicos estão focados em expor os conceitos de autismo, psicologia, análise do Comportamento e sua importância nessa área; destacar a importância do profissional psicólogo no tratamento das pessoas com o transtorno; e por fim apresentar sua eficácia e benefícios através da ABA.

Os recursos metodológicos que serão utilizados nesta pesquisa são a pesquisa qualitativa com o intuito de analisar o papel do psicólogo nessa área e seu papel no desenvolvimento dessa população, buscando compreender suas abordagens e suas eficiências. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para auxiliar no exercício reflexivo do tema estudado, com o propósito de buscar e fundamentar o texto através de autores de livros, artigos científicos, periódicos, entre outros.

Justifica-se esta pesquisa pela sua relevância acadêmica, por ser um tema de interesse da área da Psicologia. Para a Psicologia, este estudo é relevante, pois será utilizado para sua

elaboração arcabouços teóricos e metodológicos, que visam analisar como essa profissão contribui para o desenvolvimento de sujeitos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista.

O Transtorno do Espectro Autista afeta principalmente as áreas de comunicação social com outros, na interação social em diversos contextos, e algumas dificuldades nas outras áreas da vida (SEIMETZ, 2018). Porém, todo sujeito tem sua individualidade, e dependendo do nível em que está prejudicado, em alguns casos, o indivíduo é afetado apenas em comportamentos repetitivos, interesses restritos e interferências nas relações sociais (BORBA; BARROS, 2018).

Diante dos prejuízos, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) expõe a necessidade de, desde que observados os primeiros fatores, buscar o tratamento imediato para o sujeito, tendo em vista que isso contribuirá no seu quadro clínico e na procura pelo tratamento adequado. A pessoa diagnosticada com TEA necessita de uma atenção especial por parte do círculo familiar e dos profissionais.

É notório que o diagnóstico do autismo tem sido cada vez mais frequente na sociedade, dando mais visibilidade para o tratamento precoce. Perante o exposto, pais e familiares têm buscado os melhores tratamentos psicológicos com o intuito de desenvolver diversas habilidades sociais, comportamentais e de linguagem. Os mesmos realizam pesquisas das melhores abordagens para se tratar do espectro. Por conta disso, a problemática estará centrada em compreender como a psicologia auxilia no desenvolvimento de pessoas do Espectro Autismo?

O objetivo geral desta pesquisa é apresentar como a Psicologia auxilia no desenvolvimento do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista. Já os objetivos específicos são apresentar os conceitos de Autismo, Análise do Comportamento e sua importância nessa área; destacar a importância do psicólogo no cuidado de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista; e analisar a eficácia e os benefícios que os indivíduos possuem por meio da Análise do Comportamento Aplicada.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Como é definido o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O termo autismo também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo caracterizado como uma síndrome comportamental que afeta o desenvolvimento motor e psiconeurológico que complica a parte cognitiva, de linguagem e da interação social do indivíduo (LOPEZ-PISON et al., 2014). A Associação Americana de Psiquiatria - APA (2013) define o Transtorno do Espectro Autista como sendo um transtorno do desenvolvimento, que afeta áreas como a fala, comportamento e socialização.

O termo autismo foi destacado pela primeira vez, no ano de 1911, pelo médico psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que investigava as características da esquizofrenia. Mas em 1943, o termo "Autismo" se tornou mais popularizado pelo psiquiatra Leo Kanner, que na sua primeira pesquisa já apresentava as particularidades do autismo de maneira expressiva (CUNHA, 2015).

Em relação às características dos sujeitos com TEA, principalmente em crianças, esse transtorno é caracterizado como uma desordem no desenvolvimento que surge desde o nascimento, no qual a criança apresenta dificuldades em questões sociais, comunicação e comportamento (SANTOS; VIEIRA, 2017). Levando em consideração que todas essas dimensões estão interligadas, as características podem ser divergentes de um indivíduo para o outro.

As concepções usadas pela APA (2013) são semelhantes com as definições já citadas. A APA também apresenta que as evidências comportamentais que especificam o TEA estão relacionadas ao comprometimento no desenvolvimento comunicativo, assim como a frequência de comportamentos estereotipados e um repertório limitado de curiosidade e atividades, e quando todas essas características estão presentes, há uma maior dificuldade nas habilidades diárias (APA, 2013).

No TEA, o indivíduo pode estar incluso em diferentes níveis, que envolvem os déficits de comunicação, interação social e comportamental. Segundo Santos e Vieira (2017) compreende-se que a utilização do termo Transtorno do Espectro Autista propicia a existência de alguns níveis do transtorno, podendo ser grau leve, moderado ou severo. Portanto, o sujeito autista deve ser visto em suas particularidades, considerando que são vários níveis de intelectualidade.

Em relação aos déficits do autismo, pode-se dizer que aqueles que possuem déficit na comunicação/linguagem há uma ausência ou complicação na fala. No déficit de interação social, o indivíduo possui dificuldade de socialização bem como que compromete o contato com o outro. Já o déficit comportamental está relacionado ao estabelecimento de rotina, movimentos repetitivos e estereotípias (SANTOS; VIEIRA, 2017).

Diante do que foi apresentado, vê-se o quanto se faz necessário o acompanhamento terapêutico de um profissional, sendo esse o psicólogo. A intervenção psicológica auxilia no rastreio de diagnósticos, utilizando de recursos rastreadores, de observação clínica, instrumentos e escalas de triagem, no estudo e busca de fenômenos psicológicos, entre outros.

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista tem sido realizado de acordo com as observações e acompanhamento da vivência do sujeito e dos comportamentos presentes. A intervenção psicológica é fundamentado nos critérios expostos pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), tendo em vista que quando realizado avaliações com instrumentos e escalas padronizados é mais fácil de reconhecer problemas próprios, sendo necessário para o acompanhamento e triagem dos casos (BORBA; BARROS, 2018).

No Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o Transtorno do Espectro Autista é classificado como: 299.00 (F84.0) Transtorno do Espectro Autista (50) (APA, 2013). Apresentando cinco critérios de diagnósticos classificados em A, B, C, D e E. O critério de diagnóstico A está relacionado com dificuldades na comunicação social e na interação social em diversos contextos, conforme apresentado pelo indivíduo atualmente ou por história prévia (APA, 2013), sendo eles:

1. Déficits na reciprocidade sócio-emocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.
2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar

brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares (APA, 2013, p. 50).

O critério B está relacionado com protótipos limitados e repetitivos de comportamento e interesses, além de apresentar pelo menos duas das características seguintes:

1. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (p. ex., estereotipias motoras simples, alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia, frases idiossincráticas). 2. Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (p. ex., sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos diariamente). 3. Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (p. ex., forte apego a ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos). 4. Hiper ou hipo reatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (p. ex., indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento) (APA, 2013, p. 50).

Já o critério diagnóstico C está relacionado com os sintomas que precisam estar visíveis no período do desenvolvimento, mas salientando que podem não se tornar plenamente manifestados pelos indivíduos em processo de diagnóstico até que as queixas sociais reduzam por estarem escondidas através de estratégias aprendidas no decorrer da vida (APA, 2013).

O critério D é quando os sintomas geram malefícios em áreas importantes na vida do sujeito, como a profissional, o funcionamento social, entre outros. Por fim, o critério E salienta que esses sintomas não mais explicados como deficiência intelectual (conhecida como transtorno do desenvolvimento intelectual) e por atraso global do desenvolvimento. Sendo que a deficiência intelectual ou o TEA costumam apresentar mais de duas comorbidades no indivíduo, e nesse caso, a comunicação social está abaixo do considerado normal no desenvolvimento (APA, 2014).

O tratamento psicológico, conforme Matos e Matos (2018), quando iniciado precocemente, desde a identificação do TEA, diagnóstico e após o tratamento, há resultados muito eficazes, tendo em vista que há muitas técnicas e terapias que auxiliam e estimulam o desenvolvimento da área afetada. Foi exposto em pesquisas que, as intervenções psicológicas junto ao trabalho multiprofissional, traz benefício funcional e independência, relacionados às áreas de comunicação e linguagem, além da questão social e atividades de vida diária (Brasil, 2014).

Deve-se salientar que para que a intervenção psicológica se realize e produza bons resultados, o profissional precisa estar atento aos sinais de alerta, para que não se precipite ao diagnosticar alguém. Por isso, Lima (2022) explica para que não ocorra erros, para realizar uma boa avaliação, deve-se fazer uma cautelosa entrevista e anamnese, buscando informações como

histórico médico, desenvolvimento e clínico, além de avaliar as habilidades do indivíduo (cognitiva, comunicação, psicológica, interação e linguagem). Ademais, podem ser feitos exames extras para descartar outros diagnósticos, como problema auditivo, sendo essa uma questão recorrente pelos pais, tendo em vista que eles percebem a ausência de respostas da criança (LIMA, 2022).

A psicologia é uma área que atua, primeiramente, na identificação e logo no diagnóstico, finalizando no tratamento do TEA, sendo uma profissão que se especializa nos processos mentais e no comportamento humano (LIMA, 2022). Dessa forma, deve-se recomendar a melhor terapia e intervenção de acordo com cada quadro de TEA, pois cada indivíduo possui seu plano terapêutico singular, investigando suas potencialidades e particularidades (LIMA, 2022).

Lima (2022) ainda explica que o principal objetivo que o psicólogo traça é de auxiliar a pessoa com TEA a obter um repertório de vida mais funcional. Diante disso, o psicólogo não atua sozinho frente a esse indivíduo e sua família, mas com uma equipe multidisciplinar e em diversos ambientes. Sendo assim, é importante que o profissional da área esteja sempre em processo de aprendizado e atualização para que realize atendimentos eficazes, juntamente com os familiares (LIMA, 2022).

O psicólogo não atua sozinho na área, ele investiga, realiza encaminhamentos, diagnósticos e contribui no tratamento juntamente de outros profissionais. São utilizadas técnicas que visam colaborar no desenvolvimento integral da pessoa com TEA, pois qualquer intervenção e terapia é válida, uma vez que todas possuem vantagens durante o tratamento, e se faz necessário que o psicólogo atenda de forma singular a cada indivíduo, pois cada um possui suas características (LIMA, 2022). A utilização de medicamentos também contribui, mesmo que não haja alguma medicação específica para o autismo (LIMA, 2022).

A utilização de medicamentos é indicada apenas para amenizar os efeitos dos sintomas e as terapias e técnicas aplicadas são pensadas de acordo com cada quadro clínico a partir do diagnóstico realizado (LIMA, 2022). Mesmo com as dificuldades existentes, são implementadas estratégias visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas com TEA (BRASIL, 2015).

2.2 O que é a Análise do Comportamento Aplicada (ABA)

Uma abordagem que tem se popularizado em questão de eficácia, diante do Transtorno do Espectro Autista é a Análise do Comportamento. Na visão analítico-comportamental, o TEA

é uma síndrome de déficits e excessos que pode afetar a base neurológica do indivíduo, mas que pode mudar, quando realizadas interações construtivas e organizadas em diferentes ambientes, físicos e sociais (GREEN, 1996).

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) possui três diferentes perspectivas. A ABA faz parte dos pilares da Análise do Comportamento, e os outros dois é o Behaviorismo Radical, sendo a filosofia fundamentada na obra de Skinner e a Análise Experimental do Comportamento, que é a parte da pesquisa básica (DUARTE; SILVA, VELLOSO, 2018).

A ABA é uma ciência respaldada em evidências científicas existente há mais de cinquenta anos (ROSA; ALBRECHT, 2021). É importante salientar que a ABA não é método e nem técnica, mas sim uma ciência comportamental individual, levando em conta as particularidades de cada sujeito (ROSA; ALBRECHT, 2021). Nessa abordagem ainda há profissionais escassos, Gomes e Silveira (2016) explicam que ocorreu um aumento de diagnósticos de autismo na sociedade e isso acarretou em um número maior de pesquisas acerca do assunto. São realizadas pesquisas sobre as principais causas do transtorno e sobre os efeitos que os tratamentos geram no indivíduo. Nos dias atuais, não há cura para esse transtorno e os melhores tratamentos estão relacionados a Análise do Comportamento (GOMES; SILVEIRA, 2016).

Para o indivíduo com TEA que possui atrasos no desenvolvimento, é necessário que habilidades sejam desenvolvidas. Com a ABA é possível treinar essas habilidades para a vida e criar treinos específicos que auxiliem no ensino aprendizagem (ROSA; ALBRECHT, 2021). O profissional da área pode realizar uma avaliação para selecionar as estratégias que serão utilizadas de acordo com a necessidade do sujeito (ROSA; ALBRECHT, 2021). Posterior a avaliação é realizado um Planejamento de Ensino Individualizado – PEI, onde é estabelecido o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado.

No ponto de vista analítico-comportamental, os comportamentos desajustados do sujeito autista, são ocasionados por situações específicas e são sustentados pelas suas consequências (GOULART; ASSIS, 2002). Diante disso, a Análise Aplicada do Comportamento (ABA), possui como finalidade, intervir nesses casos de pessoas autistas, desenvolvendo seu repertório comportamental, suas habilidades sociais, e minimizando os repertórios considerados inadequados, focando no ensino sistemático e mensurável (GREEN, 1996).

O principal objetivo da ABA é a amplificação do repertório comportamental, no qual o sujeito adquire habilidades sociais, repertório pré-acadêmico e acadêmico, aumento de

autonomia, redução de comportamentos disruptivos e comportamento verbal (ROSA; ALBRECHT, 2021). Essa ciência proporciona diversos recursos que auxiliam no desenvolvimento de habilidades como: contato visual, sentar, esperar, imitar, apontar, sendo esses requisitos básicos para alfabetização (ROSA; ALBRECHT, 2021).

A terapia ABA possui grande eficácia na aprendizagem dos autistas, sendo essa uma terapia realizada de indivíduo para indivíduo, de “um-para-um” (BEZERRA, 2018). O autor ainda explica que: o que se aprende em sessão é treinado para que seja generalizado em situações cotidianas, em locais como escola e domicílio (BEZERRA, 2018).

Durante a sessão de uma terapia ABA, as habilidades em déficits são ensinadas através de uma instrução ou dica, com o aplicador/terapeuta ajudando o indivíduo através de dicas e suportes, pois é considerada uma aprendizagem sem erro (BEZERRA, 2018). Para que o sujeito aprenda, os programas são repetidos diversas vezes, até que o mesmo apresente a habilidade sem erro, assim como a generalização desse comportamento em outros ambientes e contextos (BEZERRA, 2018).

A ciência ABA possui como característica as consequências reforçadoras. Quando iniciado o tratamento é muito utilizada a consequência extrínseca, como um brinquedo, um doce ou uma atividade que o indivíduo goste muito (BEZERRA, 2018). Com a evolução do tratamento, as consequências vão se tornando naturais, e o próprio comportamento será motivador para que o sujeito continue desenvolvendo-o (BEZERRA, 2018).

Green (1996) explica que as habilidades que as crianças diagnosticadas com autismo não apresentam, como contato visual, comunicação independente e interação social, são realizadas em pequenos passos. Para que os indivíduos aprendam essas habilidades, é preciso tornar essas atividades divertidas e reforçadoras, além de ensinar que eles discriminem diversos estímulos, o não reforçamento de comportamentos considerados problemas, e outros.

Por isso, muitos dos comportamentos presentes no repertório autista podem ter sido iniciados em situações problemas no desenvolvimento do controle ambiental onde o comportamento operante é função (GOULART; ASSIS, 2002). Portanto, a Análise Comportamental possui uma grande função na população autista, seja desenvolvendo e avaliando procedimentos e instrumentos, ou como desenvolvendo seu repertório comportamental.

Em uma sessão de terapia ABA com crianças autista, o terapeuta deve criar novas formas de se brincar com os brinquedos, realizando brincadeiras funcionais; enaltecer; imitar; e reproduzir seus comportamentos. O terapeuta precisa definir os comportamentos-problemas,

umentar a motivação do indivíduo através do reforço, reforçar sempre que a criança se aproximar do comportamento-alvo, entre outros (FISHER; PIAZZA, 2015).

Os principais benefícios da ABA é reforçar os comportamentos socialmente aceitos, assim como a minimização de comportamentos que não são bem vistos e que prejudicam de alguma forma a vida desse sujeito (CARTAGENES et al., 2016). A Análise do Comportamento Aplicada vem apresentando muitos ganhos para os indivíduos com TEA, por conseguir fazer com que eles aprendam e ampliem repertórios comportamentais necessários, além de habilidades importantes para o desenvolvimento e autonomia (APA, 2013).

2.3 A importância do diagnóstico e tratamento precoce em crianças com TEA

Como ainda não se sabe ao certo como se originou o autismo, não há um instrumento de dificuldade no diagnóstico. Relembrando os critérios diagnósticos do DSM-5, há características do TEA como dificuldades na comunicação social e interação em diversos contextos, que estão presentes nos indivíduos, mas que não devem ser vistos isoladamente, por isso o profissional precisa ser capacitado para dar esse diagnóstico e saber relacionar os critérios do DSM-5 (APA, 2013).

Portanto, pela inexistência de algum teste laboratorial que afirme que uma pessoa tenha TEA, os profissionais da saúde que realizam a avaliação neuropsicológica e comportamental, precisam conhecer os sintomas clínicos descritos no DSM-V, como também saber reconhecer essas características que não aparecem iguais nas crianças, além de conversar e ouvir o que a família nota no comportamento da criança e destacar o que é relevante (REIS; LENZA, 2019). Essa última questão é essencial, visto que os genitores de crianças com TEA são, geralmente, os primeiros a notarem comportamentos que são dessemelhantes de outras crianças, principalmente aos sinais que costumam manifestar nos três primeiros anos de vida, alguns sintomas já se notam desde o recém-nascido, como a inexistência do sorriso social e do contato visual (REIS; LENZA, 2019).

Alguns dos comportamentos que manifestam antes dos três anos de idade podem ser pouco conhecidos, dificultando o diagnóstico por certos profissionais, dado que estudos destacam que a diversidade de sintomas, as barreiras na avaliação aplicadas pelo profissional da saúde que trabalham com idade pré-escolar, além da falta de profissionais competentes e capazes de identificar os sintomas de TEA e a falta de serviços especializados, podem ocasionar o atraso em um diagnóstico precoce (REIS; LENZA, 2019).

Reis e Lenza (2019) destacam a relevância do diagnóstico precoce, especialmente entre os dois e seis meses de vida, sendo um período propício para iniciar o tratamento antecipadamente, aproveitando que os mesmos possuem uma plasticidade neural maior, evitando maiores malefícios para essas crianças no futuro. O diagnóstico precoce é extremamente relevante, pelo aumento significativo dos benefícios dos resultados através do tratamento com uma equipe multidisciplinar e por uma supervisão específica aos pais e familiares que contribuem para a evolução do tratamento (REIS; LENZA, 2019). O diagnóstico precoce e as intervenções sociais e comportamentais ajudam, de modo significativo, na comunicação e as habilidades sociais dessas crianças (DIAS et al., 2022).

O critério diagnóstico normalmente é fundamentado em um conjunto de características dadas como negativas, sendo que na maioria das vezes as características positivas são ignoradas (REIS; LENZA, 2019). Por isso, o papel do profissional da saúde precisa ir além do que buscar somente os déficits, procurando ressaltar as habilidades e os pontos fortes dos indivíduos com autismo, buscando com que eles consigam se adaptar aos seus ambientes cotidianos e não colocando as características que rotulam o TEA como um defeito que precisa ser corrigido (REIS; LENZA, 2019).

O diagnóstico do autismo deve ser clínico, portanto, espera-se a análise das características do desenvolvimento da criança por meio de tabelas, entrevistas, avaliações e testes. Essas características são obtidas mediante anamnese com os genitores e da observação direta da criança e através disso, identificar os instrumentos de diagnósticos mais precisos e indicados para o Transtorno do Espectro Autista, nos dias atuais,

Segundo Reis e Lenza (2019), os principais instrumentos são: Escala de avaliação para Autismo Infantil (CAR30), é uma escala que possui 15 itens que variam entre 15 e 60 pontos, onde o autismo pode ser verificado com o resultado a partir dos 30 pontos; Escala de Traços Autístico (ATA) e sua pontuação varia entre 0 e 15, no qual o 0 representa ausência de sintomas e 2 se apresentar mais de um sintoma em cada um dos 36 itens; a Avaliação de Tratamentos para Autismo (ATEC) é utilizado para avaliar a eficiência dos tratamentos para o autismo, com um questionário de 72 questões, porém não é reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia, por não ter sido normalizado no Brasil; a Lista de Checagem de Comportamento Autístico (ABC ou ICA), é um questionamento composto por 57 questões que estão fundamentadas na análise comportamental dos indivíduos, sendo considerado uma tática eficiente que identifica sujeitos com perfis autistas; o Protocolo de Observação para Diagnóstico de Autismo analisa os comportamentos de comunicação e os sociais da criança e do adulto com o transtorno, por

intermédio de duas linhas de análise: diagnóstico e investigação; por fim, a Escala para Rastreamento de Autismo Modificada (MCHAT) é usada com a finalidade de diagnóstico precoce, em crianças de 18 a 24 meses.

Percebe-se que o diagnóstico de TEA precisa de uma observação minuciosa, para que se faça o tratamento correto e logo no início. Pode acontecer do profissional se confundir com a síndrome de Landau-Kleffner, na qual o indivíduo passa por uma regressão comportamental e social, semelhante com o TEA, por isso, é necessário saber aplicar e conhecer os critérios diagnósticos nos indivíduos (REIS; LENZA, 2019). Quando ocorre erro no diagnóstico há um prejuízo na intervenção multidisciplinar precoce e resulta na diminuição dos benefícios.

Sabe-se que o autismo não tem cura, porém, com a ajuda do tratamento multidisciplinar precoce e apropriado para cada indivíduo, resulta em uma melhora na perspectiva de crianças com o transtorno. Por esta razão, existe uma mobilização na divulgação dos sintomas precoces, para que os cuidadores, profissionais especializados consigam identificá-los o mais cedo possível (MENDONÇA; RAMOS, 2021).

A principal finalidade do tratamento multidisciplinar é maximizar as habilidades sociais e comunicativas da criança por meio da redução dos sintomas do transtorno do espectro autista e do suporte ao desenvolvimento e aprendizado (MENDONÇA; RAMOS, 2021). É de extrema importância ampliar as vivências e experiências do indivíduo, possibilitando a abertura do campo de experiências externas e as intervenções terapêuticas buscam suprir as áreas consideradas menos desenvolvidas e devem ser realizadas para desenvolvimento do bem-estar global do indivíduo (MENDONÇA; RAMOS, 2021).

2.4 A eficácia da terapia ABA no tratamento de pessoas com TEA

Como foi visto anteriormente, não há uma cura para o Transtorno do Espectro Autista, porém, com o suporte das intervenções comportamentais há uma série de benefícios significativos para o desenvolvimento de crianças com esse diagnóstico nos últimos anos.

Ao ser diagnosticado com o transtorno do espectro autista, os responsáveis pela criança precisam direcioná-los para o tratamento recomendado, visto que a intervenção precoce no autismo começa a ser aplicado cada vez mais cedo, graças às divulgações e o conhecimento do profissional na área, sendo possível o diagnóstico a partir dos 18 meses. A identificação do TEA é realizada com base em dificuldades específicas na orientação para estímulos sociais,

contato visual social, atenção compartilhada, imitação motora e jogo simbólico (REIS; LENZA, 2019).

Parte do sistema nervoso central é o cérebro e este é composto por incontáveis células nervosas, os neurônios. De certo modo, essas células se conectam entre si e tem o encargo por nossas funções mentais, que controlam todos os movimentos, a qualidade do sono, a fome, os sentidos e as emoções (GAIATO, 2018). A pesquisadora Gaiato (2018) afirma que o cérebro tem capacidade de mudar a sua estrutura física e sua atividade e isso acontece por meio de estímulos, o cérebro desenvolve novas ligações entre os neurônios, transformando, desse modo, as redes de conexões, trazendo caminhos diferentes e complementares. Portanto, as intervenções realizadas com base em estímulos conscientes e direcionadas, apresentam resultados surpreendentes e ampliam a capacidade de aprendizagem das crianças com autismo, ajudando na atenção, na comunicação, na interação social, na sensibilidade de estímulos e comportamentos inapropriados (DIAS et al., 2023).

Entre os diversos tipos de abordagens terapêuticas de intervenção no TEA, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma das abordagens mais aplicadas nesses casos. A ABA é uma abordagem fundamentada em indicativos que baseiam os princípios comportamentais para instruir e moldar comportamentos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades adaptativas, além da redução de comportamentos considerados problemáticos (SILVA, 2021). De acordo com Silva (2021), esse tipo de abordagem pode ser aplicado em diversas configurações e espaços, desde a terapia individual até em ambientes educacionais.

Por meio da abordagem ABA, o indivíduo consegue se desenvolver, manter e possivelmente aumentar os comportamentos desejados, assim como diminuir comportamentos indesejados. Há uma série de estratégias que costumam ser utilizadas em diferentes situações e indivíduos para que possam modificar ou ensinar novos comportamentos (SILVA, 2021).

De acordo com Silva (2021), o comportamento pode ser conceituado como um processo de relação entre o indivíduo e o ambiente, no qual os indivíduos e os eventos ambientais se relacionam e, desse modo, apresentam influências um ao outro, conseqüentemente produz alterações em ambos.

Para Silva (2021) e Dias et al. (2023), um dos princípios essenciais da metodologia ABA é que um comportamento é determinado por qualquer ação que tem a possibilidade de ser observada e que se possa contar, contendo sempre uma frequência e uma duração. Sendo, portanto, um tratamento comportamental indutivo, que tem por finalidade ensinar a criança habilidades, por meio de etapas, o que ela ainda não possui. Cada habilidade é ensinada, de

modo geral, em plano individual, e sendo articulada a uma indicação ou instrução, fazendo com que a criança autista comece a trabalhar de forma positiva.

Com base nessas informações, as principais finalidades das intervenções em ABA, em crianças com TEA, são o aumento do conjunto comportamental e dos conteúdos curriculares, no qual as crianças desempenhem e melhorem a sua interação e a comunicação social (SILVA, 2021); o segundo objetivo tem relação com a diminuição de comportamentos disruptivos, segundo Bosa (2006), isso só acontece pela estipulação de regras claras e consistentes, considerando elas uma modificação gradativa, no qual há uma identificação de funções subjacentes, sendo elas a ansiedade ou incerteza, além das modificações ambientais e transformação do que é considerado obsessões em atividades adaptativas.

Portanto, percebe-se que há uma relação direta entre terapeuta e educador, dado que, para o analista do comportamento o terapeuta é como educador, visto que uma vez que o tratamento implica em um processo de ensino-aprendizagem, além de reaprendizagem (SILVA, 2021). Para a pesquisadora Meyer (2003), o método ABA precisa ser aplicado por profissionais na área de análise comportamental com experiência supervisionada e prática no método para alunos com autismo.

Para Silva (2021) todos os comportamentos são modificados a partir de suas consequências. Para esta autora, os indivíduos estão sempre tentando realizar coisas, e se elas se concretizam, há chances de ela acontecer novamente, quando as ações realizadas não funcionam como foi previsto é menos provável que elas sejam feitas novamente.

A intervenção ABA tem seu ponto de início a partir de uma avaliação inicial minuciosa e detalhada do comportamento do sujeito. A partir dos resultados dessa avaliação o terapeuta conseguirá identificar os comportamentos que estão em déficit, os comportamentos estereotipados e comportamentos auto lesivos (SILVA, 2021; MEYER, 2003).

Portanto, essa metodologia consiste na modificação dos comportamentos considerados inadequados, alterando-os por comportamentos considerados mais funcionais. O objetivo da mudança se fundamenta, principalmente, nos comportamentos sociais, verbais e na diminuição do comportamento de “birra” (SILVA, 2021). Para que isso ocorra, há diversos procedimentos comportamentais que são utilizados para desenvolver as habilidades existentes e modelar aquelas que ainda não foram desenvolvidas pelo indivíduo (GAIATO, 2018). Diante disso, é preciso criar oportunidades para que a criança consiga aprender e praticar essas habilidades a partir de incentivos ou reforços positivos, isto é, premiá-las e elogiá-la a cada comportamento que a criança realize de modo correto (GAIATO, 2018).

Há uma estrutura a ser seguida da intervenção na análise comportamental aplicada com crianças autistas que precisa ser realizada em algumas fases. A primeira etapa é a avaliação comportamental, com a finalidade de descrever os repertórios e variantes que controlam a criança; a segunda é denominada de escolha de metas e objetivos que serão realizados em médio prazo e diz respeito ao desenvolvimento da comunicação, ajustando os comportamentos sociais e ampliando os comportamentos aprendidos em diferentes ambientes; a terceira etapa é definir os programas de tratamento, ou seja, determinam quais comportamentos precisam ser ensinados, mas para isso é preciso que se realize um diagnóstico antecipado do que o sujeito já consegue fazer para que, no decorrer da intervenção ABA, perceba a sua evolução; por fim, a quarta fase está relacionada diretamente com a efetivação da intervenção (LEAR, 2004).

Um dos pontos que precisa ser salientado é que a ciência “ABA” é uma intervenção considerada intensa, duradoura e que engloba a família, a escola e os meios sociais em que esta criança está inserida (SILVA, 2021). Logo, percebe-se que para que a terapia ABA seja eficiente e para que a diminuição dos sintomas ocorra e conseqüentemente fique mais evidente, é necessário iniciar as intervenções ABA o quanto antes, por isso a importância do diagnóstico precoce.

Sabe-se que a Análise do Comportamento Aplicada engloba diversas técnicas para produzir os resultados almejados em crianças e que estas conseguem evoluir diante da modificação do comportamento. Por isso, será exposto cinco técnicas da ABA aplicadas, de acordo com Rocha (2018):

A primeira é o reforço positivo: é quando uma criança com necessidades especiais passa por dificuldades de aprendizagem ou interação social por não saberem como lidar em uma determinada situação. Um modo de incentivar comportamentos sociais positivos circunda o uso de reforço positivo de maneira imediata para o incentivo do comportamento no futuro (ROCHA, 2018).

O reforço negativo ocorre quando há comportamentos considerados desadaptativos, ou seja, comportamentos que precisam ser corrigidos de modo imediato (ROCHA, 2018). O modo mais comum de corrigir o mau comportamento do indivíduo é a remoção de um objeto ou atividade que a criança almeja. Sendo essa um modo de punição considerada não aversiva. Importante ressaltar que o reforço negativo precisa ser sólido para que o indivíduo compreenda a importância da ação e da sua consequência (ROCHA, 2018).

A utilização de prompts e sugestões. Os Prompts são as dicas visuais ou verbais utilizadas para o incentivo de um determinado comportamento. Lembrando que as dicas verbais

são consideradas lembretes gentis, ao passo que as dicas visuais não são diretas, na qual um gesto ou olhar podem ser considerados (ROCHA, 2018). A criança perceberá essa deixa e conseguirá se lembrar de comportar de modo simples. Exemplos dessa técnica podem ser descritos como ensinar a criança a retirar os sapatos assim que entrar em sua casa ou ensiná-la o hábito de lavar as mãos antes de qualquer refeição. O objetivo é, de modo cotidiano, diminuir até a extinção dos prompts. As instruções são úteis porque geralmente não funcionam de modo vexatório e acusatório (ROCHA, 2018).

A análise de tarefas é uma forma de análise de ações comportamentais que auxiliam a compreender mais sobre o paciente ao invés de retificar ou reforçar o comportamento. O psicólogo solicita uma ação para a criança e analisa como ela vai executá-la. Este tipo de análise é dividido em diversas categorias e o profissional precisa estar atento a todas as ações dos indivíduos, como suas ações físicas, cognitivas, imitação, deslocação, entre outras (ROCHA, 2018). Após a análise do terapeuta sobre o modo que aquela criança realiza as atividades, essas informações são utilizadas para auxiliar outras tarefas realizadas em particular, divididas em etapas que serão de mais fácil compreensão pela criança (ROCHA, 2018).

Por fim, a generalização. É por meio desse modelo que o profissional observa o que a criança aprendeu em determinada esfera e aplica em outras esferas. Por exemplo, se uma criança consegue citar o alfabeto enquanto canta, o psicólogo dessa criança pode utilizar essa característica para ensiná-lo a soletrar seu nome (ROCHA, 2018).

As crianças com necessidades especiais, não o TEA isoladamente, são as que mais ganham diante de um atendimento personalizado. Os profissionais da saúde que utilizam da análise comportamental aplicada fazem uso dessas técnicas, além de outras que contribuem com que as crianças que precisam de um pouco mais de auxílio sejam mais independentes e felizes (ROCHA, 2018).

Algo de extrema relevância do ABA em crianças com TEA é que ele consegue desenvolver todos os comportamentos relevantes para aquela criança, tanto os excessos, quanto os déficits. Os profissionais da saúde, que são considerados analistas do comportamento, não dão relevância com as diversas teorias sobre as causas do autismo e, logo, conseguem ser capazes de desenvolver e analisar de modo contínuo a sua ciência (OLIVEIRA, 2023).

Os programas ABA dos dias atuais são considerados bem distintos daqueles de 20 anos atrás. O ABA dos dias atuais é muito mais flexível, funcional e considerado divertido para a criança (OLIVEIRA, 2023). De acordo com Sá (2007), ao mesmo tempo em que essa abordagem ficou mais conhecida e comum nas clínicas integralizadas, a ABA também recebeu

críticas pelos pais e profissionais de outras abordagens, questionando os seus métodos e o modo como são aplicados por alguns profissionais.

A ciência ABA é aplicada, portanto, em diversas configurações, desde a terapia individual em consultórios e ambientes educacionais, garantindo uma ampliação no espectro de estratégias de intervenção. Os seus métodos são constantemente fundamentados em intervenções intensivas, individualizadas e estruturadas, buscando a aprimoração das habilidades de comunicação, interação social e comportamento, mas também com o foco na redução de comportamentos considerados problemáticos (DIAS et al., 2023).

Portanto, o conhecimento nessa área é considerado essencial para que haja avanços no tratamento e na garantia do bem-estar de indivíduos que são autistas.

2.5 Controvérsias e críticas significativas em relação a aplicação da terapia ABA e seu impacto

De acordo com Oliveira (2023), a crítica da aplicação da terapia ABA vem da antiga concepção da análise do comportamento aplicada desenvolvida para crianças autistas, no qual a técnica não era baseada completamente no reforçamento positivo para os comportamentos considerados desejáveis. Tanto que o uso de técnicas de reforçamento aversivo, que incluíam, décadas atrás, choques elétricos, não é considerado aceitável de modo algum, nos dias atuais.

Outra crítica ao método ABA é decorrente de uma falha de certos profissionais que focam em desenvolver habilidades atrelado com a tentativa de minimizar ou extinguir os comportamentos problemáticos (PEREIRA, 2019). Os defensores da ciência ABA afirmam que a finalidade deles não é a remoção da neurodiversidade das crianças autistas, mas sim possibilitar a independência dos mesmos (OLIVEIRA, 2023).

A técnica ABA, para Sá (2017), se fundamenta no princípio da manipulação de variáveis ambientais com o objetivo de ocasionar mudanças de comportamento, portanto, o profissional não está tentando mudar a pessoa, ou o modo como ele pensa, mas sim o desenvolvimento de habilidades por meio da ABA, fazendo-o ser mais independente.

E essa ciência foi criada, segundo Sá (2017), como um modelo de existência perfeita de ser, porém, nos dias atuais, a abordagem é realizada de modo mais individualizado, mas a observação do comportamento e o estabelecimento de metas permaneceram. Uma das maiores dificuldades em trabalhar com crianças é que sempre preciso realizar questionamentos sobre o que será melhor e adequado para essa criança (SÁ, 2017).

Alguns pesquisadores e pais que são contra a metodologia ABA, afirmam que essa metodologia faz com que as crianças com autismo se encaixem nos padrões neurotípicos. Declarando que cada criança tem as suas necessidades únicas e que as crianças autistas têm necessidades diferentes, logo não era para serem ensinadas a agir e mascarar os seus comportamentos como crianças neurotípicas (OLIVEIRA, 2023). Estes pesquisadores e pais afirmam que a terapia especializada na fala e linguagem é uma maneira mais eficaz para que essas crianças desenvolvam novas habilidades e autonomia (SILVA; CARVALHO; SOUSA, 2011).

De acordo com Oliveira (2023), por mais que haja indicativos a favor do ABA e que eles não sejam todos da mais alta qualidade, o consenso no campo da psicologia e dos profissionais da saúde é que a terapia fundamentada na ABA funciona. A problemática central com a ABA é a priorização na mudança do comportamento, com a finalidade de fazer uma criança autista se parecer não autista, ser uma criança neurotípica, ao invés de tentar descobrir o motivo de um indivíduo estar se comportando de uma determinada maneira (OLIVERA, 2023).

Há um certo temor, segundo Oliveira (2023), de que a terapia ABA submeta as crianças com TEA a se esconderem do que realmente são para poder se encaixar. Mas há um outro lado, há diversas evidências clínicas de que esta é eficiente para ajudar crianças em idade pré-escolar a aprender novas habilidades e conseguir intervir de modo adequado em comportamentos ou características que possam afetar e influenciar no progresso.

Uma das vantagens da terapia ABA, é de ser um método individualizado, que normalmente é melhor aplicado para crianças que necessitam de menor apoio, como as mais velhas (OLIVEIRA, 2023).

Portanto, de um modo geral, grande parte dos pesquisadores são a favor do uso de ABA. Sendo um método que funciona muito bem para crianças com problemas clássicos, principalmente aquelas que ainda não são capazes de falar ou raciocinar por conta própria (OLIVEIRA, 2023).

Grande parte dos especialistas em autistas reconhecem e afirmam que existe um conjunto de crianças para quem a ABA seja o método menos apropriado - principalmente se a criança não precisa de muito suporte (OLIVEIRA, 2023). Considerando que uma área ativa da pesquisa é conseguir ler o cérebro das crianças para poder tentar compreender quem responde e por quê.

É bem provável que, à medida que se avança neste caminho, seja possível enxergar indivíduos em que os cérebros não se modificam diante do tratamento (OLIVEIRA, 2023). Estas vão acabar surgindo como um grupo importante. Assim como Oliveira (2023) explica, às crianças que não apresentam uma mudança neurológica devem-se considerar um reajuste na terapia (OLIVEIRA, 2023).

Decorrente do seu diagnóstico tardio, Robison, diagnosticado com TEA grau 1 de suporte, não recebeu a terapia ABA pessoalmente, mas se articulou diante do que observou daqueles que fizeram (OLIVEIRA, 2023). Ele afirma que exista um lugar para ABA para pessoas com autismo, mas precisa ser realizado de modo bem feito.

É necessária uma prioridade no ensino de habilidades ao invés de esforços que tem o objetivo de se normalizar ou extinguir comportamentos interligados ao autismo, como: auxiliar uma criança que não é capaz de se comunicar a se aproximar e falar com seus colegas na escola, por exemplo (OLIVEIRA, 2023). Isso é considerado uma alteração necessária e o mesmo serve para um terapeuta ABA que auxilia um estudante universitário a ser mais organizado, a se socializar com os pares, sendo o intuito é aperfeiçoar as áreas que o sujeito achar melhor, e não o transformá-lo em outra pessoa (OLIVEIRA, 2023).

Essa abordagem necessita de uma orientação e supervisão integral. Os programas e profissionais da ABA irão necessitar da aceitação e de orientação adulta de pessoas que se preconizam para tratar (OLIVEIRA, 2023). Rocha (2018) diz que o que não estava evidente no passado é que os indivíduos com TEA eram os clientes, e por isso poderiam opinar sobre o que acontece.

Portanto, o que um psicólogo eficiente realiza, seja ABA ou não ABA, é buscar descobrir modos que consistem sobre os pontos fortes de uma criança individual, usando os seus interesses, mas ao mesmo tempo o incluam na sociedade e permitam que façam escolhas (OLIVEIRA, 2023). É nisso onde o profissional faz a diferença.

Desse modo, não se é preciso querer uma pessoa com bons comportamentos, mas sim um indivíduo que consiga fazer a maior quantidade de coisas possíveis (OLIVEIRA, 2023). O papel do psicólogo tem a função primordial de práticas adequadas com a realidade e a necessidade atual do indivíduo. Para isso, é necessário utilizar de todos os instrumentos necessários e disponíveis, fazendo com que as chances de sucesso aumentem (OLIVEIRA, 2023).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso será aplicada, quanto a sua natureza, a pesquisa básica, pois este estudo planeja ampliar o conhecimento sobre a importância do psicólogo no desenvolvimento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. No que se refere à abordagem, será utilizada a pesquisa qualitativa, visto que será usada a interpretação de dados subjetivos para analisar o quanto a profissão psicologia dá essa assistência aos indivíduos com TEA (NASCIMENTO; SOUSA, 2016).

Os fundamentos básicos da pesquisa qualitativa, de acordo com Knechtel (2014), são: a apreensão primária com os processos; o interesse pelo significado; a procura por informações exatamente no campo de pesquisa; o destaque na descrição e explicação de fenômenos; e a utilização de processos indutivos.

Quanto aos objetivos a serem alcançados, será utilizado a pesquisa exploratória, Gil (1991) diz que este tipo de pesquisa busca possibilitar maior proximidade com o problema e tem como propósito deixá-lo claro para outras pessoas, envolvendo pesquisa bibliográfica e o estudo de caso.

Será realizada uma pesquisa bibliográfica que tem como finalidade o aperfeiçoamento e aperfeiçoamento do conhecimento, por meio de investigações científicas de artigos já publicados, este tipo de pesquisa é substancial na construção da pesquisa científica, visto que possibilita maior conhecimento sobre o fenômeno a ser estudado (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021). Os instrumentos que são empregues para a construção da pesquisa bibliográfica são: “livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados” (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 66).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma pesquisa bibliográfica que buscou compreender ainda mais sobre o Transtorno do Espectro Autista e sobre a ciência ABA, atualmente reconhecida como uma terapia eficaz no tratamento e desenvolvimento de indivíduos com TEA. Para isso, foram realizadas pesquisas em artigos científicos, no Scielo e em Revistas Eletrônicas, onde os critérios de inclusão foram: artigos em português, possuir resumo, semelhança entre as palavras-chave e relação com o tema principal da pesquisa.

Diante das pesquisas acerca do Transtorno do Espectro Autista e da Análise do Comportamento Aplicada, pode-se afirmar que essa terapia é de grande eficácia no tratamento dos indivíduos com TEA, pois possui como objetivo desenvolver habilidades e pré-requisitos para que os mesmos se tornem indivíduos autônomos futuramente. Através do reforçamento positivo, o sujeito consegue aprender estando motivado na aprendizagem.

A terapia ABA pode ser aplicada por profissionais da saúde, assim como pais e responsáveis que desejam continuar o tratamento em casa, contribuindo para a generalização do novo comportamento. Com a terapia ABA, é possível reduzir comportamentos considerados inadequados, e ensinar comportamentos adequados que ainda não foram aprendidos. Diante dessas mudanças, o portador de TEA passa a ter uma vida mais regulada, com menos comportamentos disruptivos.

Assim como foi apresentado por Silva (2021), a ciência ABA é capaz de aumentar o repertório comportamental do sujeito, fazendo com que o mesmo consiga realizar atividades da vida diária; desenvolva a sua comunicação e interação social; melhore os comportamentos, reduzindo as crises; entre outros. Fazendo dessa forma, que se torne cada vez mais independente e autônomo.

Diante disso, a seguir será exposto artigos que foram fundamentais para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso:

ARTIGO	AUTOR(ES)	ANO	RESUMO
<p>SOS autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista</p>	<p>GAIATO, M.</p>	<p>2018</p>	<p>O artigo expressa o que é pensado e sentido quando se vê uma criança autista, onde os pensamentos levam para uma criança que só vive isolada, girando e escondidos em algum canto da casa, que não escuta quando chamado. Mas, o artigo apresenta os níveis de suporte dentro do transtorno, os níveis de gravidade e isso contribui para uma melhor compreensão acerca do tema.</p>
<p>A importância da identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças: uma revisão de literatura.</p>	<p>DIAS, et al.</p>	<p>2022</p>	<p>O artigo expõe que o transtorno do espectro autista (TEA) ainda não possui uma causa específica e esclarecida, gerando um atraso no desenvolvimento da criança nas primeiras infâncias. Além disso, é explicado o quanto o diagnóstico precoce contribui com o desenvolvimento deste indivíduo.</p>
<p>Estratégias de intervenção comportamental no autismo uma revisão da eficácia da ABA.</p>	<p>DIAS et al.</p>	<p>2023</p>	<p>O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno neurocomportamental que afeta áreas como comunicação, interação social e comportamento. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tem sido uma das terapias mais estudadas e aplicadas para o tratamento do autismo. Esta pesquisa focou na eficácia da ABA como uma abordagem terapêutica.</p>

A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura.	REIS, S, T.; LENZA, N.	2019	Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta o neurodesenvolvimento e que se manifesta nos primeiros anos de vida da criança, apresentando diferentes graus e incidências. Estudos epidemiológicos mostram que 1 em cada 59 crianças apresentam TEA. Os primeiros sintomas são, normalmente, observados pelos familiares e mais tarde confirmados pelos profissionais.
A importância do método ABA – Análise do Comportamento Aplicada – no processo de aprendizagem dos autistas	BEZERRA, M, F.	2018	Bezerra (2018) em seu artigo, apresenta o método ABA como sendo o mais promissor no tratamento dos portadores de TEA. O autor apresenta a história da ABA, suas contribuições e seus resultados.
Autismo: intervenções psicoeducacionais	BOSA, C, A.	2016	No artigo de Bosa (2016), a autora apresenta a necessidade de envolver os familiares no tratamento do autismo, além de apresentar diferentes intervenções, todas com base empírica
Avaliação psicológica da criança com suspeita de transtorno do espectro autista: desafios para o avaliado	SEIMETZ, G, D.	2018	A pesquisa se trata da área de avaliação psicológica e apresenta a dificuldade de se avaliar casos como de indivíduos com TEA, pois algumas características podem afetar diretamente na realização da avaliação, como a dificuldade de se comunicar.

As bibliografias utilizadas neste Trabalho de Conclusão de Curso se complementam com o objetivo de alcançar a finalidade desejada. O artigo dos pesquisadores Dias et al. (2022) apresenta o que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), a sua etiologia não definida e a importância do diagnóstico precoce, temática que o livro da Gaiato (2018) também abordou,

além das informações relevantes acerca do Transtorno do Espectro Autista, especialmente a respeito do modo como as crianças pensam e se comportam, além das informações detalhadas nos níveis de suporte no TEA. Outro artigo que ajudou a fundamentar essa parte do trabalho, foi dos autores Reis e Lenza (2019), visto que retratou o que é o autismo, os diferentes níveis de suporte e incidências, além de abordar os critérios diagnósticos e a importância do diagnóstico precoce.

O artigo mais recente de Dias et al. (2023), expõe informações semelhantes das duas obras anteriormente citadas, mas também sobre as áreas que são mais afetadas, como comunicação, interação social e comportamento. Esse artigo teve um foco na eficácia da ciência Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a sua importância, principalmente quando aplicadas para o tratamento do autismo.

O pesquisador Bezerra (2018) complementou o que os pesquisadores Dias et al. (2023) abordaram em seu estudo, visto que para Bezerra (2018) a ciência e a metodologia ABA é a mais promissora no tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, além de expor a história da ABA, suas contribuições e os seus resultados.

Os últimos dois artigos trataram de responder a importância da família no tratamento e algumas questões a se considerar no diagnóstico. Bosa (2016) salientou a importância dos vínculos que os familiares precisam ter com a criança e a relevância que se tem no apoio do tratamento do autismo, visto que o apoio é essencial para o desenvolvimento da criança, sabe-se que o ABA pode ser aplicado em qualquer espaço, inclusive em casa. Além dessa questão o autor apresenta diferentes tipos de intervenção, sendo todas com base empírica. No artigo de Seimetz (2018), o autor buscou trazer as informações acerca das avaliações psicológicas em portadores de TEA, tendo em vista que em diversos casos há uma certa dificuldade de serem realizadas, pois o indivíduo apresenta dificuldade em responder os necessários, pois há suas dificuldades geradas pelo transtorno. Diante disso, é necessário o manejo do profissional, obtendo sempre reforçadores potentes para conseguir êxito na avaliação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das leituras e do que foi exposto no decorrer deste Trabalho de Conclusão de Curso, pode-se inferir que o tratamento realizado precocemente no Transtorno do Espectro Autista, gera muitos ganhos ao desenvolvimento de habilidades do mesmo. Ademais, foi possível compreender um pouco mais sobre a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), terapia que vem crescendo muito na área da saúde, sendo muito eficaz no tratamento dos indivíduos portadores de TEA.

Revisões de literatura baseadas nesse tema, não se torna importante apenas para o pesquisador e os profissionais da área da saúde, mas também para pais e a população em geral, podendo estar mais atentos aos sinais e sintomas desses sujeitos, para que o preconceito seja reduzido na sociedade e para que seja aplicada, cada vez mais, a inclusão desses indivíduos na mesma.

O trabalho visou ainda expor que cada indivíduo possui suas especificidades, sendo necessários tratamentos singulares, sendo “de-um-para-um”, e seus tratamentos com acessibilidades de intervenções, considerando suas particularidades. Ainda que possua muitos artigos científicos nessa área, vale ressaltar que é necessária uma pesquisa contínua acerca desse tema; além de adaptações técnicas e considerações éticas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2013). **DSM-5: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais** (5a ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

BEZERRA, Marcos Ferreira. **A importância do método ABA – análise do comportamento aplicada – no processo de aprendizagem de autistas**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 10, Vol. 06, pp. 189- 204 Outubro de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **BrazilianJournalofPsychiatry**, v. 28, p. s47-s53, 2006.

CARTAGENES, M. V., CASTRO, C. A. L., ALMEIDA, G. K. F. C., MAGALHÃES Y. C., & ALMEIDA, W. R. M. (2016). Software baseado no método ABA para auxílio ao ensino-aprendizagem de crianças portadoras de Transtorno Global do Desenvolvimento-Autista. **Computer onthe Beach**, 162-171.

DIAS, S. M. C. et al. A importância da identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças: uma revisão de literatura: The importance of early identification of Autism Spectrum Disorder (ASD) in children: a literature review. **BrazilianJournalof Health Review**, v. 5, n. 6, p. 24572–24583, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/55433>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DIAS, Renan Italo Rodrigues et al. Estratégias de intervenção comportamental no autismo uma revisão da eficácia da ABA. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 16, n. 11, p. 28389-28400, 2023.

DUARTE, C. P.; SILVA, L. C.; VELLOSO, R. L. (Org.). **Estratégias da análise do comportamento aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo São Paulo**: Memnon, 2018.

FISHER, W. W., & PIAZZA, C. C. (2015). **Applied Behavior Analysis**. The Encyclopedia of Clinical Psychology, 1-5.

GAIATO, Mayra. **SOS autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. Nversos, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas Editora, 1991.

GOMES, C. G. S.; SILVEIRA, A. D. **Ensino de Habilidades Básicas para pessoas com autismo**: manual para intervenção comportamental intensiva. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016. 215 p.

GOULART, Paulo; ASSIS, Grauben José Alves de. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. **Rev. ter. comportamento, conhecimento.**, São Paulo, v. 2, pág. 151-165, dez. 2002.

GREEN, G. (1996). The role of instructions in the transfer of ordinal functions through equivalence classes. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, 55, 287-304.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LEAR, K. **Ajude-nos a Aprender. (Help us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA Part 1: Training Manual)**. Traduzido por Windholz, M.H.; Vatauvuk, M.C.; Dias, I. S.; Garcia Filho, A.P. e Esmeraldo, A.V. Canadá, 2004.

LIMA, Ruy Pinheiro de. A intervenção psicológica no atendimento da pessoa com transtorno do espectro autista. **Revista Educação Pública**. Rio de Janeiro, v. 22, nº 43, 22 de novembro de 2022.

LOPEZ-PISON J, GARCIA-JIMENEZ MC, MONGE-GALINDO L, LAFUENTE-HIDALGO M, PEREZ-DELGADO R, GARCIA-OGUIZA A, et al. Ourexperiencewiththe a etiologicaldiagnosisof global developmental delay andintellectualdisability: 2006-2010. **Neurologia**. 2014;29(7):402-7.

MATOS, D. C. DE, & MATOS, P. G. S. de. (2018). Intervenções em psicologia para inclusão escolar de crianças autistas: estudo de caso. **Revista Espaço Acadêmico**, 18(211), 21-31.

MENDONÇA, Laryssa Vitoria Sales; RAMOS, Mônica Ribeiro. **A Importância de Identificar o TEA Precocemente**. Grupo Unis, p. 1-16, 2021. Disponível em: <http://192.100.247.84:8080/handle/prefix/2170>. Acesso em: 02 jun. 2024.

MEYER, S. B. **Análise funcional do comportamento**. In: COSTA, C E; LUZIA, J C; SANT'ANNA, H H N. (Org.). **Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição**. Santo André, 2003, p. 75-91.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, F. L. Classificação da Pesquisa. Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática—como elaborar TCC**. Brasília: Thesaurus, 2016.

OLIVEIRA, Adriana Dantas de. **Análise do comportamento aplicada ao autismo**. Trabalho de Conclusão de Curso, Cogna, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/66033/1/Adriana%20Dantas%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: maio de 2024.

OLIVEIRA, K, G.; SERTIÉ, A, L. **Transtornos do espectro autista**: um guia atualizado para aconselhamento genético. *Revendo ciências básicas, einstein*. 2017;15(2):233-8.

PEREIRA, Márcia Cristina Lima. **Pais de alunos autistas: relatos de expectativas, experiências e concepções em inclusão escolar**. Brasília: UCB, 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Brasília, 2019.

REIS, S. T., & LENZA, N. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, 2(1), 1 - 7, 2019. Disponível em: <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>. Acesso em: maio de 2024.

ROCHA, S. M. C. da. **Por dentro da linguagem lúdica do autismo: políticas e práticas no ensino fundamental**. UFPB, João Pessoa, 2018.

ROSA, S. O.; & ALBRECHT, A. R. M. (2021). **Estudo Sobre a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e sua contribuição para a inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), graus II e III, no Ensino Fundamental I**. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Especial, publicado no repositório UNINTER.

SÁ, F. A. et al. Teamat: um jogo educacional no auxílio da aprendizagem de crianças com autismo baseado no método aba. **Revista de Sistemas e Computação - RSC**, v. 7, n. 1, 2017.

SANTOS, R, K.; VIEIRA, A, M, E, C, S. **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional**. V.3, n. 1. Universidade em Movimento: educação, diversidade e práticas inclusivas, 2017.

SEIMETZ, Giovanna Dornelles. **Avaliação psicológica da criança com suspeita de transtorno do espectro autista: desafios para o avaliador**. 2018. 55p. TCC (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre, 2018.

SILVA, P. O., CARVALHO, S. T. P, SOUSA, R. R. A. **E-kids: Uma Ferramenta no Auxílio da Aprendizagem de Crianças Portadoras de Disfunção Global do Desenvolvimento (Autista), baseado no Método ABA**, Instituto de Ensino Superior, Piauí, Picos. 2011.

SILVA, Laysa Sinara Torres da. **Contribuições do método aba para o desenvolvimento cognitivo e pedagógico da criança com autismo**. Universidade Federal Rural de Pernambuco - Trabalho de Conclusão de Curso, 2021. Disponível em: https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/3797/1/tcc_art_laysasinaratorresdasilva.pdf. Acesso em: maio de 2024.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Fucamp, vol-20, 2021.

ZANON, Regina Basso. BACKES, Bárbara. BOSA, Cleonice Alves. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan – Mar, 2014, Vol. 30 n. 1, pp. 25-33.